

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JOÃO PEDRO TEIXEIRA COSTA

O CELTISMO GALEGO: DAS SUAS ORIGENS AO MOVIMENTO DO
RESSURGIMENTO

UBERLÂNDIA

2026

JOÃO PEDRO TEIXEIRA COSTA

O CELTISMO GALEGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Uberlândia como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Espanhol.

Orientador (a): Dr^a. Ana Maria Donnard.

UBERLÂNDIA

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C837 2026	Costa, João Pedro Teixeira, 2001- O CELTISMO GALEGO [recurso eletrônico] : DAS SUAS ORIGENS AO MOVIMENTO DO RESSURGIMENTO / João Pedro Teixeira Costa. - 2026. Orientadora: Ana Maria Donnard. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Letras: Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações. 1. Linguística. I. Donnard, Ana Maria ,1959-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Letras: Espanhol e Literaturas de Língua Espanhola. III. Título. CDU: 801
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele
Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

JOÃO PEDRO TEIXEIRA COSTA

O CELTISMO GALEGO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal de Uberlândia como
exigência parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Espanhol.

Uberlândia, 31 de julho de 2026.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Donnard
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dr. Leandro Silveira de Araújo
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof^a. Ma. Graziela Bassi Pinheiro
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Sumário

1	INTRODUÇÃO	9
2	DESENVOLVIMENTO.....	10
2.1	A problemática da origem dos povos célticos.....	10
2.2	Os primeiros povos célticos na península ibérica	15
2.3	A debatida definição de um povo ou nação celta	17
2.4	O imaginário de povos celtas provenientes da Península Ibérica na literatura irlandesa.	17
2.5	O panorama histórico da Espanha e da Galiza do século XIX.....	19
2.6	A Cova Céltica e o início do movimento rexionalista galego	20
2.7	O Rexurdimento Galego de suas origens ao seu esplendor	23
2.8	Eduardo Pondal como o cerne do resgate sutil de um vago passado céltico	25
3	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

RESUMO

Este trabalho analisa o celtismo galego como elemento central na construção da identidade nacional da Galiza durante o movimento do Rexurdimento, na segunda metade do século XIX. A pesquisa tem como objetivo compreender de que forma intelectuais como Manuel Murguía e Eduardo Pondal utilizaram a historiografia, a literatura e o imaginário celta para fundamentar uma identidade histórica distinta da narrativa nacional espanhola. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, baseada na análise de obras historiográficas, textos literários e estudos contemporâneos sobre nacionalismo, regionalismo e celtismo. A investigação demonstra que o celtismo galego ultrapassou o campo arqueológico e linguístico, tornando-se um instrumento simbólico de afirmação cultural e política, especialmente por meio da recuperação de figuras míticas, como Breogán, e da valorização da língua e da tradição galegas. Conclui-se que o celtismo desempenhou papel decisivo na consolidação do imaginário nacional galego, influenciando tanto a produção intelectual do século XIX quanto os símbolos identitários da Galiza contemporânea.

Palavras-chave: Celtismo galego; rexurdimento; Eduardo Pondal; Manuel Murguía; identidade nacional.

RESUMEN

Este trabajo analiza el celtismo gallego como elemento central en la construcción de la identidad nacional de Galicia durante el movimiento del Rexurdimento, en la segunda mitad del siglo XIX. La investigación tiene como objetivo comprender de qué manera intelectuales como Manuel Murguía y Eduardo Pondal utilizaron la historiografía, la literatura y el imaginario celta para fundamentar una identidad histórica diferenciada de la narrativa nacional española. La metodología consiste en una investigación bibliográfica de carácter cualitativo, basada en el análisis de obras historiográficas, textos literarios y estudios contemporáneos sobre nacionalismo, regionalismo y celtismo. La investigación demuestra que el celtismo gallego trascendió el ámbito arqueológico y lingüístico, convirtiéndose en un instrumento simbólico de afirmación cultural y política, especialmente mediante la recuperación de figuras míticas, como Breogán, y la valorización de la lengua y la tradición gallegas. Se concluye que el celtismo desempeñó un papel decisivo en la consolidación del imaginario nacional gallego, influyendo tanto en la producción intelectual del siglo XIX como en los símbolos identitarios de la Galicia contemporánea.

Palabras clave: Celtismo gallego; Rexurdimento; Eduardo Pondal; Manuel Murguía; identidad nacional.

ABSTRACT

This paper examines Galician Celticism as a central element in the construction of Galicia's national identity during the Rexurdimento movement in the second half of the nineteenth century. The study aims to understand how intellectuals such as Manuel Murguía and Eduardo Pondal employed historiography, literature, and the Celtic imagination to establish a historical identity distinct from the Spanish national narrative. The methodology consists of qualitative bibliographical research based on the analysis of historiographical works, literary texts, and contemporary studies on nationalism, regionalism, and Celticism. The research demonstrates that Galician Celticism extended beyond the fields of archaeology and linguistics, becoming a symbolic instrument of cultural and political affirmation, particularly through the recovery of mythical figures such as Breogán and the appreciation of the Galician language and traditions. It concludes that Celticism played a decisive role in consolidating the Galician national imagination, influencing both the intellectual production of the nineteenth century and the identity symbols of contemporary Galicia.

Keywords: Galician Celticism. Rexurdimento. Eduardo Pondal. Manuel Murguía. National identity

1 INTRODUÇÃO

A identidade galega foi construída ao longo de um processo histórico marcado por diferentes acontecimentos, ideias e manifestações culturais. Durante o século XIX, a Galiza passou por um período de mudanças políticas, sociais e culturais que contribuíram para o fortalecimento de um sentimento de pertencimento entre seus habitantes. Nesse contexto, surgiu o Rexurdimento Galego, movimento que buscou valorizar a língua galega, a literatura, a história e as tradições da região. A produção de escritores e intelectuais desse período teve um papel importante nesse processo, principalmente por apresentar uma visão da Galiza como uma comunidade com características próprias.

Entre os elementos utilizados para reforçar essa identidade estava a ideia de uma origem celta dos galegos. O celtismo ganhou espaço entre escritores e intelectuais que procuravam estabelecer uma ligação entre a população galega e um passado considerado antigo e próprio da região. A presença dos celtas na história da Galiza, porém, não era tratada apenas como uma questão relacionada ao passado. Ela também passou a ser utilizada para pensar o presente da sociedade galega e para defender a existência de uma identidade diferenciada dentro da Espanha. Dessa forma, referências a antigos povos, heróis e tradições passaram a fazer parte de uma narrativa sobre a origem e o destino da Galiza.

Nesse cenário, Eduardo Pondal ocupa um lugar de destaque. Sua produção literária apresenta diversas referências ao passado celta e utiliza personagens e imagens ligadas a esse universo para representar a Galiza e seu povo. Entre essas referências, destaca-se a figura de Breogán, personagem associado às antigas tradições irlandesas e que passou a ocupar um espaço importante na construção da ideia de uma origem mítica dos galegos. Em seus poemas, Pondal apresenta a Galiza como uma terra que possui uma história antiga e uma identidade própria, mas que precisa recuperar a consciência de seu passado.

Essa ideia aparece de maneira bastante clara em *Os Pinos*, poema que se tornou especialmente importante por sua relação com a identidade galega e que posteriormente teve seus versos utilizados como letra do hino da Galiza. Ao longo do poema, Pondal utiliza imagens relacionadas aos antigos povos, aos bardos, à memória e à figura de Breogán para construir uma representação da Galiza. Seus

versos também apresentam a ideia de um povo que permanece adormecido, mas que pode despertar e recuperar sua antiga força. Assim, o passado celta é colocado em diálogo com as questões do presente.

Dessa maneira, o celtismo presente na obra de Eduardo Pondal não pode ser entendido apenas como uma referência a povos que viveram na Galiza em um passado distante. Ele também está relacionado à maneira como os intelectuais do Rexurdimento procuraram definir e valorizar a identidade galega. A recuperação de elementos considerados antigos e próprios da região ajudou a criar uma narrativa sobre quem eram os galegos e sobre o lugar que a Galiza deveria ocupar. A partir dessa perspectiva, analisar a presença do celtismo na obra de Pondal permite compreender melhor como elementos históricos e míticos foram utilizados na construção da identidade galega durante o século XIX.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A problemática da origem dos povos célticos

A compreensão do movimento do celtismo galego está intrinsicamente ligada a complexa historiografia da população celta, que perpassa a história desde tribos da Europa Central na antiguidade, as primeiras diásporas celtas pelo território europeu, até reinos medievais e seu exponencial desaparecimento e assimilação na totalidade das etnias europeias. Os povos celtas foram um conjunto de povos que habitaram diferentes partes do continente europeu, desde a Europa central até a península ibérica e a as ilhas britânicas. Eles nunca formaram um grande reino ou império, ao contrário, os celtas eram povos que apesar de compartilhar semelhanças nas crença, mitos, folclore, língua, armaduras, armas, cerâmica e arquitetura tinham suas peculiaridades locais. Alguns famosos exemplos de povos celtas são os gauleses na antiga Gália (atual França), os povos celtas da Britânia (atual Reino Unido), o reino romano de Noricum (atual norte da Itália) e os celtiberos (atual Espanha).

Um dos fatores chave da discussão historiográfica celta centra-se na debatida questão da origem do povo céltico, que por sua vez, foi crida como originária do centro

européu, a chamada cultura de Hallstatt.¹ ²Contudo, Patrick Sims-William abriu uma das questões mais fervorosas entre acadêmicos da área e trouxe uma possível divergência a origem do povo celta, entregando uma tese que sugere uma génese atlântica, assim chamada em seu artigo, que trazia a costa francesa e até mesmas as ilhas britânicas como berço desta civilização

Paul Reinecke (1872-1958), um grande conhecedor dos estudos célticos, foi arqueólogo e historiador, nascido na Alemanha. Reinecke ficou conhecido pela separação e sistematização da "cultura de hallstatt" em quatro grandes períodos, feita em 1902.³ A divisão, que pode ser chamada de alfabética, divide os períodos em HaA (1200-1500a.C), HaB (1050-800 a.C), HaC (800- 620 a.C) e HaD (620-450 a.C), cada um com uma representação cultural específica dos povos célticos daquela época. Embora a filologia e a arqueologia sejam áreas correlatas e de mútuo suporte, as sociedades de Hallstatt eram ágrafas, o que levou Reinecke a depender 100% de achados arqueológicos para esta classificação, artefatos como espadas, adagas, cerâmica, flechas e materiais de metais o ajudaram neste trabalho revolucionário.

O mapa abaixo mostra, em amarelo, a localização aproximada da cultura de Hallstatt, que possui uma certa limitação geográfica com os alpes e sua debatida expansão pelo território europeu com nomes de diversos povos célticos, dos quais serão abordados posteriormente.

Mapa 1 - Localização aproximada de Hallstatt.

¹ SIMS-WILLIAM, Patrick. (2020). An Alternative to 'Celtic from the East' and 'Celtic from the West'. Cambridge Archaeological Journal, pg 511-529, 30 de Março de 2020.

² A cultura de Hallstatt foi uma cultura arqueológica desenvolvida entre os séculos XI a.C e V a.c , região que corresponde aos alpes europeus, perpassando países como Áustria, Suíça, sul da Alemanha e norte da Itália. Esta cultura é considerada a primeira evidência arqueológica de uma cultura em comum que viria a dar origem à etnia europeia dos povos célticos.

³ REINECKE, Paul. (1902). "Zur Chronologie der 2. Hälfte des Bronzealters in Süd- und Norddeutschland". Korrespondenzbl. D. Deutsch. Ges. F. Anthr., Ethn. U. Urgesch. Capítulo 33: pg 17–22. 27–32. 1902.



Fonte: Genealogia Boemia (2026). Mapa em língua inglesa.

Diversos estudiosos contribuíram para a construção da denominada cultura de Hallstatt, como o já citado Paul Reinecke. Porém, Reinecke foi conhecido por sistematizar este amaranhado de culturas, não por criá-lo. O primeiro arqueólogo a escavar os sítios arqueológicos do cemitério de Hallstatt foi o austríaco Johann Georg Ramsauer, em meados de 1840. (Hodson, F.R. (1990). *Hallstatt: The Ramsauer Graves*. R. Habelt.). Ao longo da história vários historiadores, arqueólogos e até mesmo filólogos contribuíram para a construção da historiografia celta, como o conhecido celtista Thomas G. E. Powell, aclamado por ter escrito o livro "*The Celts*" (Os Celtas) de 1958.⁴ Powell, por sua vez, teve sucesso em sua época e teve influências diretas de seu professor na Universidade de Cambridge, H. M Chadwick, que segundo Powell teria usado um livro de um grande conhecedor francês chamado Joseph Déchelette. Déchelette foi um dos primeiros celtistas a escrever sobre a cultura de Hallstatt, que como Powell descrevia seus costumes, religiões, paganismos e estrutura social. Contudo, todos estes celtistas acreditavam numa linha, que até então, era unânime, o surgimento da cultura de Hallstatt no centro da Europa.

Em 2020, o professor Patrick Sims-William publicou um artigo que consolidou profundamente com a comunidade de celtistas, o artigo chamado: "*An Alternative to*

⁴ POWELL, Thomas. *The Celts*. Thames & Hudson Ltd, 11 fevereiro de 1980.

'*Celtic from the East*' and '*Celtic from the West*'. O professor desenvolveu duas alcunhas que circulam hoje: os celtas do leste e os celtas do oeste. Sims-Williams defende que os celtas, na verdade, surgiram bem longe da chamada cultura de Hallstatt nos alpes europeus (celtas do leste) e que possivelmente eles teriam surgido como povos célticos na região atlântica (celtas do oeste), como citado anteriormente. Segundo Sims-William pode ter havido algumas sequências de mal-entendidos ao decorrer do desenvolvimento da teoria dos celtas do oeste, porém deixa claro que ambas as teorias desempenham evidências débeis e frágeis, pois Sims-William é linguista e se baseia na expansão das línguas célticas pela Europa ao decorrer do tempo, no entanto, os povos célticos e proto-célticos eram ágrafos, gerando diversas especulações e até mesmo uma tensão entre filólogos e arqueólogos.⁵

A partir do século XX a relação da língua para a caracterização e classificação do que seria um povo celta tomou peso. Os achados arqueológicos linguísticos mais antigos foram os encontrados no norte da Itália, datados do século VI a.C, chamada de "*Lepontic Inscriptions*" ou "inscrições lepônticas". Paralelamente outro texto arqueológico foi encontrado no nordeste da Espanha pertencente ao século II a.C, próximo à cidade de Zaragoza, chamada de "Borrita Bronzes", numa região que foi habitada por povos celtibérios, ambas muito distantes da zona da cultura de Hallstatt. O fato de que as fontes mais antigas do mundo céltico tenham sido encontradas fora da Europa Central trouxe levantamentos e questionamentos a respeito da metodologia utilizada até então, usando como base somente o fator arqueológico e colocando o fato linguístico em segundo plano.

The undoubted status of the Celtiberians of Hispania as Celtic, demonstrated by inscriptions such as the Botorrita bronzes [near Zaragoza] as well as their clear differences from the LaTène Gauls, has helped to define the conception of Celt by emphasizing its essentially linguistic character. At the same time, new perspectives question even the supposed central European origin of the Celtic language, suggesting a possible genesis along Europe's Atlantic facade, whence it would have spread towards central Europe⁶

O povo celta, no geral, é citado desde a antiguidade por autores clássicos, entretanto, a veracidade destas citações é bastante questionada por arqueólogos, historiadores e até mesmo linguistas como o próprio Sims-Williams. Como podemos ver no mapa abaixo os próprios romanos já identificavam a origem do povo romano

⁵ In this paper, I argue that both the new 'Atlantic' model and the older 'central European' one, though alluringly exotic, are unsupported by any solid evidence and are inherently implausible. I shall conclude by suggesting a realistic, if less romantic, scenario: 'Celtic from the centre'.⁵

⁶ IBIDEM

na região de Noricum e que posteriormente haviam se espalhado para a Gália, onde viviam os povos gauleses, considerados desde o mundo greco-romano como povos celtas.⁷

Mapa 2 - Mapa do Império Romano com a província da “Gallia”, povo celta e a região de “Noricum”, também de povo celta.



Fonte: Imago História (2012).

Existiam estudos que levam a questão céltica a extremos como o que acontece no caso do livro *“150 years of the ‘Mabinogion’ – German–Welsh cultural relations”*, em que o autor E. Poppe sugere que as populações germânicas são em sua essência celtas.⁸ Tais altas especulações, principalmente do século XIX, são um dos principais fatores que causaram mal-entendidos e erros graves no entendimento da origem dos povos tanto pela parte de filólogos quanto arqueólogos, como cita Sims-William. Porém, a problemática não jaz apenas na origem dos celtas, mas se estende pela conturbada origem dos povos indo-iranianos, indo-europeus e suas inúmeras ramificações como os itálicos (faliscos, úmbrios e romanos), germânicos e eslavos.

⁷ Herodotus, Histories, Book II: capítulos “pg 1-98”. the Ister [Danube]. That river flows from the land of the Celtæ and the city of Pyrene through the very midst of Europe[^]

⁸ Poppe, E., The Welsh language in German philology around 1850, IN: 150 Jahre ‘Mabinogion’ – Deutsch-walisische Kulturbeziehungen. 150 years of the ‘Mabinogion’ German–Welsh cultural relations - , eds Maier, B. & Zimmer, S.. Tübingen: Niemeyer, p. 203–21. 2001

2.2 Os primeiros povos célticos na península ibérica

A chegada das primeiras ondas migratórias célticas na península ibérica ainda é constantemente debatida na comunidade de celtistas. Existem vertentes que acreditam que a chegada destes povos foi separada entre duas grandes ondas migratórias que teriam acontecido entre o século 10 a.C e uma segunda onda que teria acontecido por volta dos anos 700-800 a.C.⁹ Contudo, também existem aqueles que defendem uma chegada tardia a península, que poderia ter ocorrido somente no século VI a.C, todavia todas estas teorias foram baseadas na clássica tradição dos "*Celtics from the east*" ou "Os Celtas do Leste", que acreditava que eles haviam emigrado da Europa Central, na região de Halstatt

A chegada destes povos no atual território da Espanha se deu de uma maneira um tanto inusitada, pois a península já estava habitada por diversos povos, sendo um deles e responsável pelo nome da península os iberos. Hoje através da arqueologia, linguística histórica e estudos históricos os povos iberos são entendidos como não-indoeuropeus e sofre uma debatida possível origem, assim como os povos célticos. Segundo Antonio Arribas, existem duas possibilidades mais aceitas hoje na academia sobre a origem deste povo, a primeira que eles são, de fato, nativos da península ibérica e não tiveram uma grande migração. A segunda que eles seriam provenientes do norte da África e teriam cruzado o estreito de Gibraltar por volta de 1500 a.C. Os iberos eram povos relativamente pacíficos e este fator ajudou na prosperidade dos celtas recém chegados à península, que supostamente vieram do Norte.¹⁰

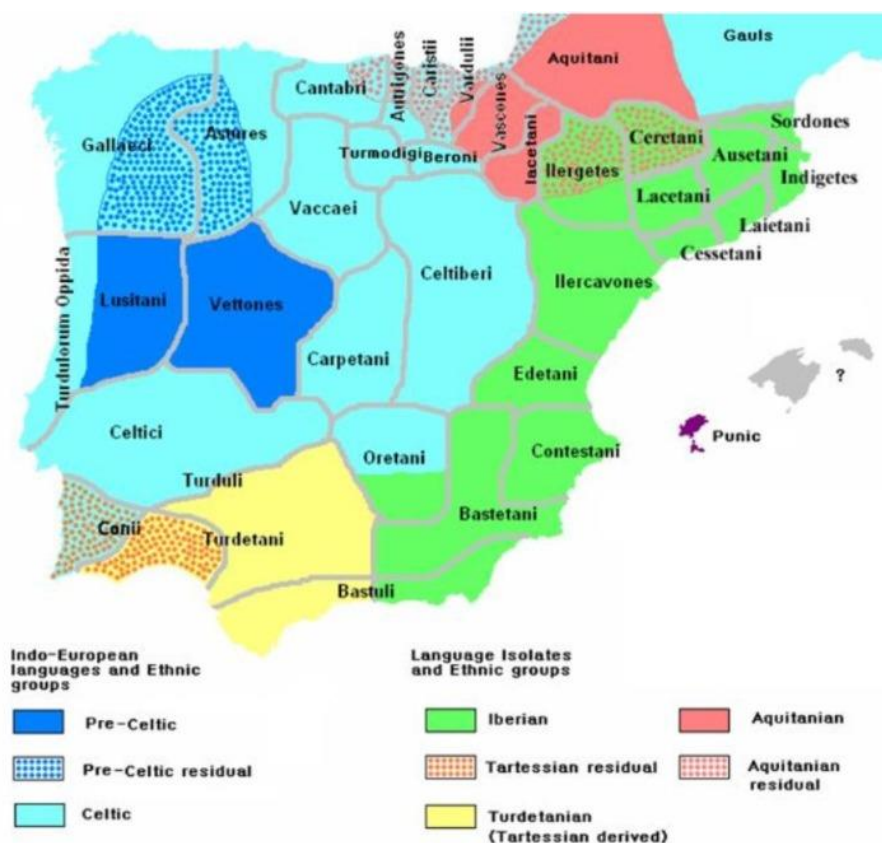
Este constante contato entre iberos e célticos resultou no que conhecemos hoje como celtiberos. No mapa abaixo podemos identificar a separação da Hispânia pré-romana, em que percebemos a região da celtiberia no centro em azul claro. Na antiguidade esta região era chamada de a casa dos celtas por escritores clássicos como Estrabão, citado no seu terceiro livro, capítulo IV, versículos 5-12¹¹. No mesmo mapa são citados os povos iberos em verde e os demais povos célticos em azul, com uma variação que vai do azul escuro (pré-céltico) ao azul claro (céltico), ainda que estas definições sejam altamente debatidas.

⁹ The Celtiberians. Celtic Life International, 2023. Disponível em: The Celtiberians – Celtic Life International. Acesso em: 10 julho de 2026.

¹⁰ ARRIBAS, Antonio. The Iberians, Thames & Hudson, Londres. (1964)

¹¹ Strabon Geography. Book III Capítulos 4 versos 5 e 12.

Mapa 3 - Separação da Hispânia pré-romana.



Fonte: Wikipédia, 2011. Mapa em língua inglesa.

Ao passar dos anos a península ibérica é invadida e anexada ao Império Romano e se torna uma das regiões mais densamente romanizadas do império. Ao longo dos séculos, o latim vulgar trazido por soldados, magistrados e administradores passou a ser a língua dominante, pondo as línguas célticas da região em processo de extinção. Já no final do Império, com o passar dos séculos, o latim falado naquelas terras transformou-se e evoluiu ao chamado romance ibérico no que hoje conhecemos como Portugal e Espanha, que por sua vez possuía substratos e superstratos ¹²celta, latino e posteriormente com a queda do Império e com as invasões germânicas um substrato germânico trazido pelos visigodos e suevos. Com a chega dos séculos XI e XII já conseguíamos identificar as primeiras formas de galego-português, castelhano medieval, asturiano, leonês, aragonês e catalão.

¹² Substrato são marcas linguísticas fonéticas, fonológicas, morfológicas ou sintáticas de um determinado povo que estava estabelecido e por alguma razão foram aculturados por outra língua. As marcas sobreviventes na nova língua dominada são chamadas de substrato. Um grande exemplo seria a chegada do latim na península ibérica e a eventual morte das línguas célticas da região. Já o superstrato é uma certa língua que chega a um local com uma língua amplamente falada, porém não se sobrepõe a língua falada no local. Um ótimo exemplo seria as invasões germânicas após a queda do império romano do ocidente, onde chegaram em regiões já densamente romanizadas e não conseguiram sobrepor as variantes do latim faladas na região.

2.3 A debatida definição de um povo ou nação celta

Tradicionalmente uma nação para ser considerada celta era utilizado um fato simples: um idioma de origem celta falado por tal população. Hoje essa questão vem se redescobrimdo e avançando para áreas antes ignoradas como fatores de um passado, mesmo que sutil, céltico. Estudiosos da área hoje colocam traços culturais como folclore, danças, contos e até mesmo costumes como identificador de uma cultura céltica. A conhecida "Celtic League" ou "Liga Celta" é uma organização que surgiu com o intuito de promover uma política pan-celta, com resgates culturais e proteção da história, cultura e direitos políticos das nações celtas. A Liga Celta considera as seguintes nações como membros plenos: Irlanda, Escócia, País de Gales, Ilha de Manx, Cornualha e Bretanha. Todas estas nações falam uma língua celta até alguma extensão e compartilham um ramo insular das línguas celtas.

A partir desta colocação, surge a debatida questão da inclusão da Galícia, e em menor proporção as Astúrias, na Liga Celta. A Liga hoje utiliza a língua como fator chave para aderir ao bloco, porém este debate diverge fervorosamente a comunidade de celtistas. De um lado existe aqueles que rebatem totalmente as expressões culturais não linguísticas como de origem celta na Galícia moderna e se perguntam como uma população que ficou mais de 2000 anos sem falar uma língua celta, com uma língua densamente romanizada pode ser reconhecida como celtas? Entretanto, do outro lado da moeda existem estudiosos que identificam um celtismo hereditário nos galegos contemporâneos a partir da historiografia antiga da região e a cultura castreja, ou como também conhecida, cultura dos castros.¹³ Embora haja controversas se de fato os povos da "Gallaecia" falavam uma língua celta, como seus vizinhos celtiberos, uma grande parte da comunidade celta, mesmo aos que se opõem a adesão da Galícia no bloco, acreditam que os antigos galaicos falassem um idioma pré-céltico ou celta.

2.4 O imaginário de povos celtas provenientes da Península Ibérica na literatura irlandesa.

¹³ A cultura castreja foi uma cultura da Idade do Ferro característica do noroeste da Península Ibérica, especialmente da Galiza e do norte de Portugal. Seus habitantes viviam em povoados fortificados chamados castros, que apresentavam casas de pedra e estruturas defensivas. Essa cultura constitui uma das principais referências arqueológicas para compreender as sociedades que habitavam a antiga Gallaecia antes e durante a presença romana.

Além das reais provas feitas pela ciência que ligam a Galícia às culturas celtas através da arqueologia, filologia e ciência forense pode ser debatido também um imaginário coletivo de um passado céltico pseudo-histórico.¹⁴ Na história da mitologia irlandesa encontramos a famosa coleção de poemas e cantos que contam a pseudo-história pré-cristã dos povos irlandeses das suas origens à era medieval, chamada “*Lebor Gabála Érenn*”, em inglês de “*The Book of Invasions*” do qual ainda não possui uma tradução para a língua portuguesa. A história conta que a Irlanda teria sido colonizada por seis povos diferentes, dos quais alguns eram provenientes da Península Ibérica. Nos poemas o primeiro povo a chegar foram os “Povos de Cesair”, uma personagem da mitologia irlandesa que após a densa cristianização dos povos irlandeses passou a ser neta de Noé e filha de um personagem não bíblico chamado Birren. O segundo a chegar foi o “O Povo de Parthalón”. Este povo teria chegado na Irlanda após 300 anos do dilúvio bíblico e foram conhecidos por serem os responsáveis da civilização da Irlanda, trazendo agricultura, engenharia e técnicas de sobrevivência mais avançadas e logo teriam sido dizimados por uma praga.

Depois de 30 anos, o Povo de Nemed chega à Irlanda, porém são constantemente massacrados pelos fomorianos, seres míticos monstruosos que eram descritos como gigantes sobrenaturais que em algumas versões dos cantos eram provenientes das profundezas do oceano ou até mesmo do subterrâneo.¹⁵ Nemed morre com uma praga e o seu povo retorna à Península Ibérica. Em contraste com os fomorianos que eram a personificação do caos e das sombras, também chegou à Irlanda “Tuatha Dé Danann”, que eram compreendidos como deidades e seres que representavam a personificação da luz. Os Tuatha Dé Danann era seres que habitavam os dois mundos, os dos humanos e das deidades e na tradição irlandesa eram os tradicionais rivais dos fomorianos que mais tarde foram destruídos pelas deidades na batalha de “Mag Tuired”. Após anos de cristianização essas lendas passaram a ser interpretações de anjos e demônios. E finalmente o último povo a chegar à Irlanda foram os Milesianos, que dividiram a Irlanda em duas partes, a parte superior e a parte inferior, conhecida como submundo respectivamente derrotando os Tuatha “Dé Danann”

¹⁴ SIMS-WILLIAM, Patrick. (2020). An Alternative to ‘Celtic from the East’ and ‘Celtic from the West’. Cambridge Archaeological Journal, pg 511-529, 30 de Março de 2020.

¹⁵ Essas mudanças na origem do mito foram de certa forma influenciadas pela presença dos povos vikings. Fomorianos. Wikipedia contributors, 2023. <https://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Fomorian&oldid=1162279163>

2.5 O panorama histórico da Espanha e da Galiza do século XIX

O início do século XIX foi conturbado tanto para a Espanha quanto para o resto da Europa, que enfrentava as temidas guerras napoleônicas que aconteceram de 1803 à 1815. O império francês liderado por Napoleão queria a expansão de seu domínio no território europeu e em 1808 mesmo com a Espanha como anterior aliada começa a guerra peninsular (1808-1813) o que culminou com a abdicação de Fernando VII, rei da Espanha na época. A saída do rei legítimo de Bourbon e a entrada de José Bonaparte primeiro, irmão de Napoleão gerou alvoroço e descontentamento não somente no território espanhol, em que a população não o aceitou como rei legítimo. Porém, também repercutiu nas colônias americanas espanholas onde os vice-reinados impulsionados pela independência dos EUA e com a fragilidade do novo governo espanhol e novas ideias liberais no ar a Espanha perdeu a maior parte de suas colônias nas duas décadas seguintes.

Com o enfraquecimento e eventual queda de Napoleão o rei Fernando VII volta ao poder com a primeira restauração borbônica em 1813, porém naquela altura a semente da independência já havia sido semeada e a Espanha continuava a perder seu prestígio com a decadência do império.¹⁶ Em 1833, Fernando VII morre e Maria Cristina de Bourbon assume o trono espanhol. Contudo, Maria Cristina se distanciou dos moldes impostos por Fernando VII, que era um absolutista ferrenho e com tantas mudanças, surgem opositores ao seu governo, chamados de Carlistas. Os seguidores do nobre Carlos María Isidro guerreou e enfraqueceu ainda mais o decadente império até 1839, com a vitória dos cristinos, apoiadores de Maria Cristina.

Em 1840, a regência de Maria Cristina chega ao fim e surge um período de instabilidade política até a decisão da emancipação de Isabel II aos 13 anos de idade, que passa a ser considerada maior de idade. De 1843 à 1868 Isabel II governa o reino da Espanha e é destronada pela revolução gloriosa de 1868. A revolução ocorreu em decorrência de fortes instabilidades políticas durante todo seu reinado, corrupção e fortes crises econômicas que levaram a maior decadência do império espanhol, que depois de governos experimentais após a monarquia, terminou o século XIX atrasada, pobre, com pouca industrialização, poucas ferrovias, sem seus títulos de colonizadora,

¹⁶ Fernández, Luis Suárez (1981). *La España de las reformas, hasta el final del reinado de Carlos IV* [A Espanha das reformas, até o fim do reinado de Carlos IV]. Col: História general de España y América (em espanhol). 10. Madrid: Rialp. p. 87.

com crises na produção científica, artística e manufatura. A Espanha do fim do século XIX é como um espelho convexo: torcida, deformada, com crise existencial de um passado glorioso.¹⁷

2.6 A Cova Céltica e o início do movimento rexionalista galego

Em meio toda a crise moral-política-intelectual que passava a Espanha do fim do século XIX deu-se início um movimento de caráter regionalista e nacionalista. Tal movimento era fruto de algumas "tertúlias" ou reunião de amigos intelectuais e estudiosos que se encontravam na loja de Uxía Carré Aldao (1859-1932), na cidade de A Coruña. Posteriormente estas tertúlias viriam a ser o berço de um dos maiores movimentos literários e artísticos da história galega. A loja era um importante centro para a intelectualidade galega da época, pois era onde chegavam os principais livros tanto nacionais quanto internacionais. Manuel Murguía (1833-1923) foi um importante historiador galego e é reconhecido como um dos principais autores da chamada "cova céltica"¹⁸

Aquelas reuniões que aconteciam na loja de Aldao foram, de forma sarcástica, apelidadas pelos presentes estudiosos que lá se reuniam como cova céltica, pois Murguía havia recém apresentado um passado céltico para o povo galego. Tal proposta ainda é conhecida até nos dias de hoje como "movimento do celtismo" e foi amplamente usada como fator determinante para uma distinção de uma nação dentro de um próprio estado nacional em que a Galiza estava inserida, no caso, a Espanha. Embora o conceito de nação seja amplamente discutido, diversos países da liga celta apresentam movimentos similares em relação a uma descendência celta como fator dominante na diferenciação de seu povo como nação dentro de estados nacionais já consolidados como: a Escócia, o País de Gales, a Ilha de Man, a Bretanha e até mesmo a Galiza.

Após anos de consolidação e expansão de suas ideias Manuel Murguía já era considerado o líder do movimento chamado de "rexionalismo galego". Tal movimento era uma reinterpretação da história e origem galega com passado histórico, arqueológico, folclórico, linguístico e uma herança étnica diversa em comparação aos

¹⁷ Fernández, Luis Suárez (1981). *La España de las reformas, hasta el final del reinado de Carlos IV* [A Espanha das reformas, até o fim do reinado de Carlos IV]. Col: Historia general de España y América (em espanhol). 10. Madrid: Rialp. p. 87.

¹⁸ ALONSO MONTERO, Xesús (2004). Actas do I Congreso Internacional "Curros Enríquez e o seu tempo". Consello da Cultura Galega.

espanhóis tanto castelhanos, como catalães e bascos. Uma das obras principais do movimento se chama “*Los Percusores*” de Manuel Murguía, descrevendo a Galiza com um plano ideológico e organizativo.¹⁹ Aos meados dos anos de 1880 o movimento *rexionalista* já possuía três fases ou três vertentes concomitantes: o *rexionalismo* tradicionalista, liderado por Alfredo Brañas, o *rexionalismo* liberal, encabeçado por Manuel Murguía e finalmente o *rexionalismo* federalista que era impulsionado por Aureliano J. Pereira.

Com a queda do antigo regime da Espanha e a reestruturação liberal do país a estrutura política e de governança passou a ser extremamente centralizada em Madri, o que enfraqueceu instituições locais que tinham certa autonomia no desenvolvimento de suas regiões. Uma das regiões mais afetadas foi a Galiza que passou a seguir as regras impostas por Madri, o que causou com o tempo um atraso industrial significativo, emigração da população galega para as áreas mais industrializadas e o mais importante pouca influência nas decisões políticas nacionais. Como já citado acima, Manuel Murguía acreditava que a Galiza por si só com suas diferenças culturais, étnicas e linguísticas deveria ter um reconhecimento diferenciado frente ao estado espanhol. Porém, o seu *rexionalismo* liberal não defendia a independência da Galiza, mas uma descentralização do governo, maior autonomia administrativa, valorização da língua e cultura galega e reformas agrárias para superar o atraso regional.

A vertente do *rexionalismo* tradicionalista guiada por Alfredo Brañas lutava pela volta do Antigo Regime, nos moldes de Fernando VII unidos a uma descentralização administrativa da região da Galiza. Seus apoiadores eram predominantemente a fidalguia, pequena fidalguia e o clero, pois acreditavam que com a volta do Antigo Regime suas liberdades de poder voltariam a ser atuantes. Contudo, Alfredo Brañas seguia um modelo contra o Estado capitalista e liberal postulando um retorno do velho modelo pré-capitalista, construindo uma liberdade de certa forma medieval baseada nas monarquias tradicionais e das cortes históricas.

E por fim, o *rexionalismo* federalista de Aureliano J. Pereira combinava o regionalismo clássico com os ideais federalistas, com a proposta de criação da Galiza como Estado Federal e sua descentralização do governo central. Tidos como mais radicais os federalistas chegaram a construir um projeto para a “*Constitución para el*

¹⁹ FERNÁNDEZ, Erick. Idade contemporânea (século XIX). pg 329.

futuro do Estado Gallego”.²⁰ Em divergência com Murguía os federal-regionalistas lutavam por uma modernização radical da economia galega com a extinção das características pré-capitalistas e a adequação de um capitalismo dinâmico e progressivo. O foco principal da vertente era atingir e aderir o campesinato e as classes menos favorecidas.

Mesmo com tais divergências aparentes, os *rexionalistas* galegos também compartilhavam de ideais similares bem fincados nos moldes regionalistas da Europa do norte. A primeira característica seria o viés ideológico-cultural desenvolvido a partir de jogos e grandes concursos literários feitos por toda a Galiza. Um desses principais jogos foram os Xogos Florais de 1891 em Tui, refletindo as ideias de uma Galiza unida pela herança histórica, genética, folclórica e linguística. Na última década do século XIX o movimento do ressurgimento estava em seu ápice. Os jogos foram totalmente apresentados em galego, o que era bastante raro para uma Espanha unificada e já tão castelhanizada. Os jogos foram um sucesso no quesito de ampliar e difundir a cultura galega. Além dos jogos também foram escritas duas obras magistrais que impulsionaram o movimento, a já citado *El Regionalismo Gallego* de Manuel Murguía e *El Regionalismo*, Estudio Sociológico de Alfredo Brañas, publicados no mesmo ano, em 1889.²¹

Muitas revistas também aderiram ao movimento e começaram a enxergá-lo como símbolo de um resgate da cultura galega. A Monteiro, La España Regional, La Pequeña Patria, A Revista Galicia, Galícia Humorística, El País Gallego y El Eco de Galícia, todas deram suporte aos *Xogos Florais* de 1889.²²

A cada ano o movimento se via mais estruturado, até que em 1890 o movimento ganhou corpo e nome de *Asociación Rexionalista Gallega*, que por ventura, era liderado pelos dois maiores nomes do movimento: Manuel Murguía e Alfredo Brañas. Porém, a associação sofreu diversas crises ao longo de 1890 e 1891, pois os dois patronos não conseguiam se conciliar por suas visões de uma Galiza distinta. Porém, em 1892 houve uma tentativa de reconciliação entre os dois, mas só aumentou a polarização de uma visão galeguista liberal e tradicional. A partir da ruptura da associação Murguía, mudou-se de Santiago de Compostela e se estabeleceu em A

²⁰ MÁIZ, Ramon. O Rexionalismo Galego: organización e ideoloxía (1886-1907). Pg. 95

²¹ CORTÓN, JOSÉ, ed. Album de la caridad: Juegos Florales de La Coruña en 1861: seguido de un mosaico poético de nuestros vates gallegos contemporáneos. Giner. 1989

²² PEDRAYO, RAMON. Xogos floraes do idioma galego en Buenos Aires: agosto de 1968. Buenos Aires, Revista Nós. 1969

Coruña, cidade que ficou reconhecida pela vertente de Manuel Murguía posteriormente, enquanto Brañas seguiu em Santiago com sua ideologia tradicionalista.

Mesmo com o enfraquecimento dos cernes centrais do movimento entre 1894 e 1907 surgiram as famosas Ligas Rexionalistas galegas, que tinham como objetivo principal ganhar força para uma constituição regionalista galega, fato que nunca foi alcançado pelos galeguistas. Nos estremecidos anos seguintes a ideia de Aureliano Pereira, de uma construção de uma academia galega foi pautada e amplamente discutida, porém pelos velhos problemas ideológicos falhou. A ideia era a criação de uma academia galega que proporia a unificação ortográfica da língua galega, uma construção de um dicionário e uma normatização da língua nos moldes castelhanos.

2.7 O Rexurdimento Galego de suas origens ao seu esplendor

O Rexurdimento Galego foi um movimento literário e social que teve origem na Galícia, uma região no noroeste da Espanha, no século XIX. Esse movimento foi marcado por uma busca de renovação cultural, linguística e identitária, representando um despertar para a valorização da língua galega e da herança cultural dessa região. No início do século XIX, a Galícia enfrentava uma situação de declínio cultural e econômico, com a predominância do castelhano como língua oficial e a marginalização do galego. Esse contexto despertou um sentimento de reivindicação e resgate das tradições e identidade galegas. O Rexurdimento Galego, que pode ser traduzido como "Renascimento Gallego", surgiu como resposta a essa realidade.²³

Um dos elementos mais importantes desse movimento foi a revalorização da língua galega como veículo de expressão cultural. Escritores, intelectuais e ativistas engajados no Rexurdimento buscaram resgatar e revitalizar o galego, promovendo-o como instrumento literário e cultural. Destacam-se figuras como Rosalía de Castro, Curros Enríquez e Manuel Curros Enríquez, que contribuíram significativamente para a afirmação da identidade galega por meio de suas obras. Além da dimensão linguística, o Rexurdimento Galego teve implicações sociais e políticas. Muitos dos envolvidos no movimento eram defensores de ideias progressistas e autonomistas,

²³ GONZÁLEZ, Reborado. MANUEL, Xosé. Etnicidade e nacionalismo.2001

lutando pela autonomia cultural e administrativa da Galícia. Eles buscavam fortalecer a consciência coletiva galega e rejeitar a marginalização imposta pelos poderes centralizadores.

O movimento também se manifestou em diversas áreas artísticas, como a música, a pintura e o teatro, contribuindo para a construção de uma identidade cultural galega mais sólida. Ao longo do século XIX e início do século XX, o Rexurdimento Galego deixou um legado duradouro na Galícia, influenciando gerações subsequentes de escritores e artistas, e contribuindo para a preservação e promoção da língua e cultura galegas.

O movimento do Rexurdimento Galego, conforme delineado por José Luis Varela, é percebido como um descendente tardio do romantismo. Esse renascimento pode ser analisado em três distintas gerações. A primeira, abrangendo o período de 1843 a 1868, é marcada por uma conjuntura política instável, com a presença do idioma galego de maneira tímida e esporádica em periódicos. Nesse intervalo, apenas dois livros foram publicados em língua galega: "A Gaita Gallega", de Xoán Manuel Pintos, e "Cantares Gallegos", de Rosalía de Castro.

A segunda geração, compreendendo o período de 1871 a 1885, na qual Eduardo Pondal se inseriu, foi caracterizada por uma estabilidade política promovida pela Restauração. Esse cenário proporcionou um ambiente mais propício para o florescimento da criação artístico-cultural. Nessa fase, observou-se um aumento significativo na publicação de livros em galego, bem como a proliferação de periódicos e semanários ilustrados. Conforme apontado por Varela, esta geração foi a que mais se dedicou à missão de restaurar o idioma galego como instrumento artístico. Eduardo Pondal, juntamente com Manuel Murguía, é considerado um dos principais precursores do movimento do Rexurdimento.

A terceira e última geração, abrangendo o período de 1886 a 1906, caracterizou-se pelo surgimento de novos gêneros literários, como novelas e teatro. Esse período marcou uma expansão e diversificação das expressões literárias em galego, demonstrando o amadurecimento e a evolução do movimento ao longo do tempo. O Rexurdimento, ao adentrar essa fase final, consolidou sua influência não apenas na produção de poesia, mas também na exploração de formas narrativas mais amplas e complexas, contribuindo para a riqueza e diversidade do cenário literário galego.

2.8 Eduardo Pondal como o cerne do resgate sutil de um vago passado céltico

Eduardo Pondal foi uma das figuras centrais para a literatura do período do ressurgimento, nasceu no dia 06 de abril de 1835, em Pontecesso, na província d'A Coruña, na Galiza. Toda sua trajetória de vida e literária foi em busca de uma dignificação para o povo galego e sua cultura.

Pondal veio de uma família fidalga rural da pequena nobreza galega. Para completar seus estudos no liceu, teve que mudar-se para Santiago de Compostela aos 13 anos, em 1848. Seus anos na cidade de Santiago foram essências para seu desenvolvimento com a cultura galega, além de ter estudado cultura clássica, como língua e literatura latina, junto a língua e literatura grega. Esta primeira fase intelectual do autor o lançou para a revitalização da língua galega como não se via desde os períodos áureos galegos medievais.

Quando Pondal completou 19 anos, ele deu início aos seus estudos em medicina, iniciando-o em 1854 e terminando-o em 1859. Foi justamente nesse período acadêmico que os talentos para poesia de Eduardo Pondal começaram a florescer, quando começou a fazer suas primeiras pequenas publicações nos jornais e folhetins galegos da cidade de Santiago. Após sua formação, foi trabalhar como médico militar, porém não encontrou plena satisfação na vida militar. ²⁴

Nas décadas seguintes Pondal fixou residência em Santiago de Compostela e A Coruña, onde intensificou ainda mais o seu trabalho para a promoção da língua galega e sua cultura.

Pondal era um grande frequentador da “Cova Céltica” e lá, influenciado por Manuel Murguía, conheceu os famosos “Poemas Ossiânicos” gaélico escoceses, publicados pelo poeta escocês James Macpherson. A crítica moderna ainda debate a veracidade dos contos escritos por Macpherson, do qual afirmou ter coletado todo o material da história de lendas e mitos de boca-a-boca nas terras altas escocesas. Os contos são baseados em alguns heróis e personagens da mitologia irlandesa, como o próprio Ossian, seu pai Fingal e seu finado filho Oscar. A visão mística de heróis e passagens fantásticas de um Escócia mitológica gerou um fervor para o início de um

²⁴ "Pondal Abente, Eduardo María González". Dicionario biográfico de Galicia 3. Ir Indo. 2010-2011. pp. 120–123.

nacionalismo na Escócia, efeito esse que Pondal tentou recriar com seus poemas galegos.

Uma de suas obras magistrais foi escrita em 1877, chamado de “Rumores dos Pinos”, que tem uma característica de expressão lírica e a defesa da língua galega como meio cultural legítimo de seu povo. Vale ressaltar que essa obra foi inicialmente publicada de forma bilíngue, espanhol e galego, mas foi reeditada em 1886 de modo exclusivo em galego.

Além da grande contribuição que foi “Rumores de Pinos”, postumamente foi descoberto um texto de sua autoria chamado “Os Eoas”, influenciado pela escrita de Camões com influências temática, estruturais, métricas e ideológicas. o que contribuiu ainda mais para o total das obras produzidas em língua galega. Eduardo Pondal faleceu, na cidade de A Coruña, no dia 08 de março de 1917, deixando para trás um dos maiores legados para a literatura e cultura galegas. Seu carinho pela língua galega e sua incessante busca pela afirmação cultural da Galiza continuam a ser celebradas até nos dias de hoje, ressaltando a força que Pondal teve para a cultura galega.

Aprofundando-se na poesia de Pondal, podemos perceber diversos elementos chave que evocam o passado céltico levantado pelo ressurgimento, como a evocação de Breogán (como é citada a Galiza em seus poemas), uma forte presença de um bardismo nórdico-anglo-saxão e inspirações diretas das lendas e contos já citados dos poemas osseânicos.

A obra “Os Pinhos” tem raízes mitológicas profundas nas histórias do boca a boca celta, em que os os próprios pinhos passam uma sensação de enraizamento em solo fértil de uma Galiza céltica. O livro Queixumes de Pinos foi uma coletânea de poemas publicada em 1886 e dentro do próprio livro encontramos a obra “Os Pinhos”.

Análise do poema

Galego	Castelhano	Português
<i>¿Que din os rumorosos na costa verdecente, ao raio transparente do prácido luar?</i>	<i>¿Qué dicen los rumorosos en la costa verdeante, al rayo transparente de la plácida luz de luna?</i>	Que dizem os rumorosos na costa verdejante, ao raio transparente do plácido luar?

<i>¿Quen din as altas copas de escuro arume arpado co seu bem compasado monótono fungar?</i>	<i>¿Qué dicen las altas copas de oscuro follaje erizado, con su bien acompasado monótono gemir?</i>	Que dizem as altas copas de escura folhagem erizada, com seu bem compasado monótono murmurar?
--	---	--

O poema começa com uma pergunta convidativa: *quen din?* quem dizem? Dessa forma Pondal convida o leitor a escutar e propõe essa escuta da natureza, pois logo em seguida diz: *quen din os rumorosos?* quem dizem os rumorosos? A palavra “rumorosos” é uma metonímia. “Rumorosos” tomo o valor semântico de pinheiros pelo ruído produzido pelo vento em suas copas. Os pinheiros no poema deixam de ser apenas árvores e passam a ser vozes dentro da obra. Essa é uma característica clássica do romantismo da época em que a natureza sempre se torna um sujeito histórico. Por essa razão o hino da Galiza costuma ser chamado de apenas Os Pinos, pois os pinheiros representam a própria Galiza.²⁵

A paisagem galega é escancarada na segunda linha em que diz: a costa verdecente. Aqui temos três pontos de atenção em relação ao misticismo celta característico. Primeiro seria a ligação com a costa e o mar atlântico, algo que é profundamente galego e também a recuperação de um tom verde que representa na cultura celta fertilidade, permanência, natureza, continuidade histórica. A paisagem não é urbana, não existem cidades, reinos ou pessoas, somente a natureza. Isso mostra onde Pondal pretende localizar a identidade galega pois ela nasce da terra.

A próxima cena acontece a noite: ao raio transparente do prácido luar. Na poesia romântica a lua muitas das vezes representa contemplação, memória ou até contato entre passado e presente. O sentido do “prácido” ou plácido em língua portuguesa indica uma grande calma na noite, onde não há guerras ou conflitos. Quando Pondal escreve sobre as altas copas podemos identificar mais uma característica romântica da segunda metade do século XIX em que as árvores funcionam como um elo entre a vida humana e espiritual, no caso, na paisagem galega a árvore mais abundante são os pinheiros.²⁶

²⁵ Forcadela, Manuel (1988). *A harpa e a terra. Unha visión da poesía lírica de Eduardo Pondal*. Universitaria. Xerais.

²⁶ Forcadela, Manuel (2005). “Pondal, Eduardo”. *Gran Enciclopedia Galega* (DVD). El Progreso

Na frase: no escuro arume arpado temos uma palavra que foi escolhida por Pondal por ser bem galega, a palavra “arume”, que indica as pontas afiadas das folhas dos pinheiros galegos caídas ao chão e “arpado” no sentido de arpa, o instrumento musical, que indica que quando o vento bate na folhagem seca produz um som harmonioso como uma harpa. A imagem de uma floresta ancestral de pinheiros cantantes é bastante sofisticada para a poesia galega da época.

Nas próximas frases temos: *co seu ben compassado, monótono fungar que continua sua luta por uma floresta musical*, pois utiliza dois termos técnicos musicais: “compassado” e “monótono” e o “fungar” poderia ter sido escrito somente como o monótono vento sopra, porém Pondal quer trazer uma imagem de uma floresta que “funga” ou que “respira” por si só através de seus ventos uivantes.

Esta primeira estrofe do poema é um prólogo poético, pois não inicia a busca pela celticidade através de termos científicos, descobertas arqueológicas ou até mesmo linguísticas e sim com um resgate sutil de uma ligação com os bosques dos povos celtas que viam as florestas como lugares sagrados.²⁷

Galego	Castelhano	Português
<i>A segunda estrofe é:</i>	<i>Ceñido por tu verdor,</i>	Cingido pelo teu verdor,
<i>Do teu verdor cinguido,</i>	<i>y por benignos astros,</i>	e por benignos astros,
<i>e de benignos astros,</i>	<i>confín de los verdes</i>	confim dos verdes castros
<i>confín dos verdes castros</i>	<i>castros</i>	e valoroso chão,
<i>e valeroso chan,</i>	<i>y valeroso suelo,</i>	não dês ao esquecimento
<i>non des a esquecemento</i>	<i>no des al olvido</i>	da injúria o rude rancor;
<i>da inxuria o rudo encono;</i>	<i>de la injuria el rudo</i>	desperta do teu sono,
<i>desperta do teu sono,</i>	<i>encono;</i>	lar de Breogán.
<i>fogar de Breogán</i>	<i>despierta de tu sueño,</i>	
	<i>hogar de Breogán.</i>	

Esta é provavelmente a estrofe mais importante de todo o poema, pois se na primeira parte temos uma pergunta em que fazem os pinheiros, agora teríamos a resposta destes pinheiros ancestrais. Das perguntas agora surge uma condição de

²⁷ IBIDEM

pospopoeia ou personificação em que os pinheiros, no caso a natureza, ganham voz própria. A partir daqui Pondal desaparece como narrador e deixa a Galiza contar a história. Mais uma vez Pondal traz a ideia de uma Galiza verde, onde escreve: “Do teu verdor cinguido”, a cor verde continua sendo evocada por Pondal por um celstismo gritante. A palavra “*cinguido*” tem sentido “envolvido”, “envolto”, “cercado”, ou seja, sua terra cercada de verde.

Em “*Benignos astros*” Pondal mais uma vez evoca os céus e cria uma atmosfera mais ampla para o poema. “*Confín dos verdes castros*” pode ser a primeira tentativa científica de uma afirmação céltica para a Galiza, pois os povos castros ou castrejos surgiram na idade do bronze no noroeste da Península Ibérica onde hoje é localizado a Galiza e o norte de Portugal. Manuel Murguía os havia identificado como um legado direto dos povos célticos que viveram na Galiza no período pré-romano e assim legitimando o povo galego como descendentes diretos desses celtas com permanência histórica e ancestralidade.

“*Valeroso chan*” dá características ao solo, pois “*chan*” em galego seria o equivalente a “chão” em língua portuguesa. Pondal chama o solo de valente e valeroso dando sinais de poesia épica para a nobre terra. “*Non des a esquecemento*” aqui a situação muda, pois Pondal sugere um apelo imperativo ao leitor que a memória deste lugar não seja esquecida e olvidada. “*Da inxuria o rudo encono*” nesta parte já entramos em uma apelação e crítica ao regime de Castela perante a Galiza. Não se sabe ao certo que tipo de “injúria” e “*encono*” Pondal estaria falando, mas muito provável que tenha ligações diretas com a centralização do poder em Castela, perda das antigas instituições galegas, a marginalização da língua galega e o esquecimento de sua literatura.

“*Desperta do teu sono*”, “*Fogar de Breogán*” talvez sejam os dois versos mais reconhecidos pelos galegos. A palavra “despertar” era constantemente usada pelos nacionalistas românticos do século XIX e a aparece aqui bem alinhado com a visão do ressurgimento galego, em que encontrava a produção cultural galega quase nula precisando assim de um grande despertar. Já Breogán é o lendário rei citado no *Lebor Gabála Érenn*, livro mítica já mencionado que narra a pseudo-história dos povos gaélicos. Na tradição literária Breogán havia construído uma torre na Galiza de onde fora possível avistar a Irlanda e posteriormente conquistá-la. Ao chamar a Galiza de “*fogar de Breogán*” ou “lugar de Breogán” ele transforma o mito medieval em

identidade nacional, tornando-se não só um recurso histórico, mas sim um recurso pseudo-histórico-nacional.²⁸

A terceira estrofe:

Galego	Castelhano	Português
<i>Os bos e xenerosos a nosa voz entenden, e con arroubo atenden o noso rouco son; mais só os ignorantes e féridos e duros, imbéciles e escuros non nos entenden, non.</i>	<i>Los buenos y generosos nuestra voz entienden, y con arrobo atenden nuestro ronco son; mas solo los ignorantes, y feroces y duros, imbéciles y oscuros, no nos entienden, no.</i>	<i>Os bons e generosos a nossa voz entendem, e com arrebatamento escutam o nosso rouco som; mas somente os ignorantes, e ferozes e duros, imbecis e obscuros, não nos entendem, não.</i>

Logo de início Pondal escreve que existe uma diferença clara entre “os bos e xenerosos” e os “ignorantes, duros e escuros”. A identidade nacional para Pondal e vários regionalistas não era apresentada como verdade política, mas sim como uma verdade moral que apenas alguns conseguem entender.

Quem são esses "bons e generosos"? Esses são aqueles capazes de compreender a identidade da Galiza. São os que preservam a língua, a cultura e a identidade galega frente as ameaças de Castela.

Quarta estrofe:

Galego	Castelhano	Português
<i>Os tempos son chegados dos bardos das edades,</i>	<i>Los tiempos han llegado de los bardos de las edades,</i>	<i>Chegaram os tempos dos bardos das eras,</i>

²⁸ Gómez, A.; Queixas, M. (2001). *Historia xeral da literatura galega*. A Nosa Terra.

<i>que a vosas vaguedades cumprido fin terán; pois, donde quer, xigante a nosa voz pregoa a redenzon da boa nazón de Breogán.</i>	<i>que a vuestras vaguedades cumplido fin pondrán; pues, dondequiera, gigante, nuestra voz proclama la redención de la buena nación de Breogán.</i>	<i>que às vossas vaguedades darão pleno fim; pois, por onde quer que seja, gigante, a nossa voz proclama a redenção da boa nação de Breogán.</i>
---	---	--

“*Os tempos son chegados*” traz uma espécie de proclamação, pois no imaginário romântico há a ideia de um tempo histórico providencial em que uma nação se desperta de um longo período de inércia e escuridão.

“*Dos bardos das edades*”, aqui aparece uma das figuras mais importantes da poética de Pondal, a figura do bardo. Na tradição celta os bardos eram guardiões da memória, conselheiros do rei, transmissores da tradição oral e um dos pilares para a preservação da cultura coletiva de um certo povo. Pondal tenta resgatar a figura do Bardo justamente para a preservação da cultura galega.

“*Que a vosas vaguedades cumprido fin terán*”, esta passagem merece uma certa atenção de um desatento leitor, pois mora na palavra “*vaguedades*” uma grande variedade de interpretações cabíveis. As “*vaguedades*” podem ser interpretadas como indecisão, dispersão ou esquecimento da cultura galega, papel esse que o bardo vem para preencher e não o deixar que volte a acontecer. Em outras palavras digamos que a era do esquecimento galega pela presença do bardo chegou ao fim.

“Pois, donde quer”, agora nesta parte do poema a voz se expande de uma Galiza profunda para onde quer que seja. A voz dos bardos a partir de agora ecoarão onde quer que esteja a cultura galega. Essa interpretação é ainda confirmada pela próxima linha, em que diz: “*Xigante a nosa voz*”. No começo do poema a voz era rouca, tímida e encolhida, agora a voz da Galiza já se torna gigante. À medida que a consciência nacional cresce, cresce junto sua grandeza.

“*A redenzon da boa nazón de Breogán.*” Esta passagem tem duas características importantes de serem destacadas, a primeira é o conceito cristão de “redenção”, que segundo a bíblia significa a libertação do pecado. Porém, Pondal transforma essa citação mais num jogo político que religioso, pois utiliza da supressão da cultura galega como alegoria de uma redenção pecaminosa. O poema não deixa claro, exatamente, do que a Galiza deve-se redimir, mas é debatido que possa ser a recuperação da língua, da memória histórica e a superação da marginalidade da cultura galega.

“*Nazón de Breogán*”, antes a Galiza foi chamada de lar de Breogán, agora Pondal se engrandece e transforma a tímida nação sobre o atlântico em à nação de Breogán. Esse jogo de palavra foi cuidadosamente criado por Pondal, pois a palavra “lar” tem sentido íntimo e nação tem um sentido totalmente político.

Esta estrofe é a virada de chave política do poema, pois Pondal deixa de apenas contemplar a natureza e lamentar o esquecimento e passa a ressuscitar as figuras políticas dos bardos para a consolidação da memória galega.

Galego	Castelhano	Português
<i>Teus fillos vagorosos</i> <i>em duro sono xacen;</i> <i>mais prontos e felices</i> <i>os bos despertarán.</i> <i>A voz dos fortes ecos</i> <i>que teu destino chama,</i> <i>erguendo a antiga fama</i> <i>da nazón de Breogán.</i>	<i>Tus hijos vagorosos</i> <i>en duro sueño yacen;</i> <i>mas prontos y felices</i> <i>los buenos despertarán</i> <i>La voz de los fuertes ecos</i> <i>que tu destino llama,</i> <i>levantando la antigua fama</i> <i>de la nación de Breogán.</i>	Teus filhos vagorosos em duro sono jazem ; mas prontos e felizes, os bons despertarão. A voz dos fortes ecos que o teu destino chama, erguendo a antiga fama da nação de Breogán.

“*Teus fillos vagorosos*”, nesta frase podemos ver que Pondal acrescenta mais um elemento na sua poesia, dessa vez o povo da Galiza. Até então, Pondal havia escrito sobre os pinheiros, a paisagem e os bardos. A palavra “*fillos*” aparece muito

recorrentemente na poesia nacionalista do século XIX, pois as nações frequentemente eram chamadas de mães ou pais.

"*En duro sono xacen*", novamente aqui aparece a metáfora do sono muito comum na poesia romântica do século XIX. Depois do sono, ou seja, do esquecimento cultural e passividade política os heróis da Galiza despertarão, chamado de os "bons" no poema, como podemos ver no verso: "*os bos despertarán.*" Mais uma vez podemos interpretar estes "bons" como se fossem uma alegoria aos "justos" bíblicos, que na tradição cristã herdarão o reino de Deus.

"O teu destino chama", Pondal identifica aqui que a Galiza tem um destino histórico, que é um tema recorrente no romantismo europeu. "Erguendo a antiga fama", esta parte do poema é interessante porque é a resposta do movimento do ressurgimento, pois os *rexionalistas* não queriam criar uma história do zero, mas sim recuperar a grande história da Galiza medieval.

3 CONCLUSÃO

Mesmo com a chegada do fim do movimento "*rexionalista*" a Galiza ainda busca por sua autonomia e identidade nos últimos 100 anos. A jornada do povo galega é intrincada e rica, reunidos pelo um emaranhado de elementos políticos, culturais e sociais. Como apresentado no presente estudo fica mais que claro que a Galiza é uma comunidade autônoma com suas particularidades políticas, históricas e sociais dentro do reino da Espanha.

Com a chegada da segunda metade do século XIX, também foi chegada o fervor do movimento do ressurgimento. Tal movimento social, cultural e político que que tinha como intuito principal reviver e retomar a cultura e língua galega do passado. Porém, nas décadas seguintes a Espanha passaria por muitas instabilidades políticas ao longo do século XX.

O primeiro baque emocional que atingiu a Espanha economicamente foi a primeira guerra mundial, que abalou as economias europeias de maneira profunda. Com a chegada da guerra civil espanhol (1936-1939) houve a ascensão de Francisco Franco ao poder, fato que intensificou a centralização do poder em Madri como nunca antes visto. Durante o período franquista a cultura galega foi suprimida por um prol de uma unidade nacional centralizada no governo de Castela.

Somente com a morte de Franco em 1975 a Espanha voltaria a democracia. Este período pós-franquismo foi caracterizado por uma abertura a diversidade linguística e cultural para as comunidades autônomas com uma menor centralização do poder nas mãos de Madri. A Espanha reconheceu a diversidade cultural e linguística do território espanhol, dando margem para que as comunidades marginalizadas buscassem maior representatividade política-cultural.

O Estatuto de Autonomia da Galícia, foi aprovado em 1981 e foi considerado um dos marcos cruciais para independência real da Galiza como unidade cultural. Houve uma delimitação sobre as competências e estrutura organizacional da comunidade autônoma, marcando uma nova era em que a Galiza teria como decidir seu próprio futuro.

No entanto, a busca pela autonomia não se encerrou com o *Estatuto de Autonomia da Galícia*. A comunidade teve dificuldades para a promoção da língua galega, do desenvolvimento econômico e até mesmo da gestão de recursos naturais que foram ampliados para a concessão do governo galego. Porém, já no fim dos anos 80 o governo central já estava mais alinhado com o governo da Galiza.

Movimentos nacionalistas diversos surgidos ao longo da história galega nos dá uma ideia de como será o futuro da região. Alguns defendem a independência parcial da Galiza, já outros têm uma visão mais radical independentista. Tais movimentos têm encontrado agendas políticas que chegam do extremo ao moderado.

A língua galega desempenha um papel crucial nesse contexto. Seu status e promoção são considerados elementos-chave na afirmação da identidade galega. Iniciativas para preservar e promover o idioma têm sido implementadas, incluindo políticas educacionais e culturais destinadas a fortalecer a posição do galego na sociedade.

O financiamento regional é outro ponto de tensão. A busca por uma distribuição equitativa de recursos entre a Galícia e o governo central tem sido uma preocupação recorrente. Questões econômicas, como o desenvolvimento de infraestrutura e a promoção de setores estratégicos, têm sido centrais nos debates sobre autonomia e identidade.

O Estatuto de Autonomia de 2006 reafirmou o compromisso da Galícia com sua autonomia, mas as discussões sobre o grau de autonomia, especialmente em relação às competências e financiamento, continuam a moldar o cenário político na região. A

Galícia está em constante processo de redefinição de sua posição dentro do mosaico político espanhol.

Em resumo, a história da luta pela identidade e autonomia da Galícia nos últimos 100 anos é um conto fascinante e complexo. Moldada por movimentos culturais, regimes autoritários, transições democráticas e debates políticos em curso. A Galícia continua a desempenhar um papel ativo na definição de sua identidade e autonomia dentro do contexto espanhol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIBAS, Antonio. **The Iberians**. Londres: Thames & Hudson, 1964.

CASTRO, Fernanda. **Nacionalismo galego, celtismo e a poesia oitocentista de Eduardo Pondal (1835-1917)**. 2017. Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia.

FORCADELA, Manuel. **A harpa e a terra: unha visión da poesía lírica de Eduardo Pondal**. Vigo: Xerais, 1988.

GENEALOGIA BOEMIA. **Por que o nome "Boêmia"?** 2026. Disponível em: <https://www.facebook.com/genealogiaboemia/posts/por-que-o-nome-bo%C3%A9miana-idade-do-ferro-no-s%C3%A9culo-v-antes-de-cristo-chegaram-aot/1459047292895837/>. Acesso em: 24 jul. 2026.

HERÓDOTO. **Histories**. Book II. Capítulos 1–98.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

IMAGO HISTÓRIA. **Roma (1 de 9): A fundação de Roma (Rômulo e Remo)**. 2012. Disponível em: <https://imagohistoria.blogspot.com/2012/06/roma-1-de-7-fundacao-de-roma-romulo-e.html>. Acesso em: 24 jul. 2026.

MÁIZ, Ramón. Raza y mito céltico en los orígenes del nacionalismo gallego: Manuel M. Murguía. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**. n. 25, p. 137–180, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5477/cis/reis.25.137>

MARTÍNEZ, Susana Álvares. Rosalía de Castro e a força do legado céltico. In: MALEVAL, Maria do Amparo Tavares (org.). **Estudos galegos**. v. 4. Niterói: EdUFF, 2004.

MAY, Pedro Pablo G. **Os mitos celtas**. São Paulo: Angra, 2002.

MURGUÍA, Manuel. **História de Galicia**. Lugo: Soto Freire, 1865.

POPPE, Erich. **The Welsh language in German philology around 1850**. In: MAIER, Bernhard; ZIMMER, Stefan (ed.). *150 Jahre "Mabinogion": Deutsch-walisische Kulturbeziehungen = 150 Years of the "Mabinogion": German–Welsh Cultural Relations*. Tübingen: Niemeyer, 2001. p. 203–221.

POWELL, Thomas. **The Celts**. Londres: Thames & Hudson, 1980.

REINECKE, Paul. **Zur Chronologie der 2. Hälfte des Bronzealters in Süd- und Norddeutschland**. Korrespondenzblatt der Deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte, v. 33, p. 17–32, 1902.

SEIXAS, Xosé M. Núñez. Idioma y nacionalismo en Galicia en el siglo XX: un desencuentro histórico y diversos dilemas en el futuro. **Revista de Antropología Social**, n. 6, 1997.

SIMS-WILLIAMS, Patrick. An Alternative to "Celtic from the East" and "Celtic from the West". **Cambridge Archaeological Journal**, v. 30, n. 3, p. 511–529, 2020.

THE CELTIBERIANS. **Celtic Life International**, 2023. Disponível em: <https://celticlifeintl.com/the-celtiberians/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

VILLARES, Ramón. **História da Galiza**. Lisboa: Horizonte, 1991.

WIKIPÉDIA. **Povos ibéricos pré-romanos**. 2011. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Povos_ib%C3%A9ricos_pr%C3%A9-romanos. Acesso em: 24 jul. 2026.